



Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste - Fortaleza/CE - 24 a 26/06/2025

MASCULINIDADES NEGRAS NOS TERREIROS DE ANGOLA E IJEXÁ EM ILHÉUS¹

Pedro Afonso Caires SILVA²

Marlúcia Mendes da Rocha³

Universidade Estadual de Santa Cruz, ILHÉUS-BA

RESUMO

Este trabalho apresenta reflexões iniciais de uma pesquisa que investiga como se constroem e performam as masculinidades negras em terreiros de candomblé Angola e Ijexá, em Ilhéus/BA, a partir de suas cosmologias e saberes. O estudo propõe um diálogo com epistemologias negras e contra-coloniais, a fim de compreender alternativas às violências estruturais que atravessam os corpos negros.

PALAVRAS-CHAVE: masculinidades; negras; candomblé; Angola; Ijexá;.

As primeiras reflexões deste projeto emergem do encontro entre minha trajetória pessoal como homem negro e os questionamentos acadêmicos sobre as construções de masculinidade nos terreiros de candomblé Angola e Ijexá em Ilhéus. Ainda em fase inicial de desenvolvimento, com ingresso no mestrado em março de 2025, esta pesquisa se propõe a investigar como essas nações concebem e performam as masculinidades negras em seus espaços religiosos, seguindo os caminhos abertos por pesquisadoras como (Amim, 2009).

A compreensão das masculinidades negras no contexto brasileiro é um tema complexo e multifacetado, que exige uma análise cuidadosa e interdisciplinar. Essas identidades, especialmente no ambiente dos terreiros de candomblé no sul da Bahia, são atravessadas por questões de raça, religião e cultura. Essas interseções geram dinâmicas específicas de poder e resistência que merecem um estudo detalhado.

Em Ilhéus, um local marcado por uma rica herança cultural afro-brasileira, os terreiros de candomblé oferecem um espaço onde as concepções de masculinidades são não apenas vivenciadas, mas também reinterpretadas e recriadas à luz de tradições ancestrais e contextos contemporâneos.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho (Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico), evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste - Fortaleza/CE - 24 a 26/06/2025.

² Jornalista e mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações da Universidade Estadual de Santa Cruz-UESC. E-mail: pacsilva.ppgl@uesc.br

³ Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUCSP. Professora do Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Santa Cruz-UESC. E-mail: mmrocha@uesc.br

Autores como (Munanga, 2009) destacam a necessidade de analisar a intersecção entre raça e gênero, especialmente no contexto brasileiro, onde o homem negro é frequentemente retratado de forma estereotipada e desumanizada. Na mesma linha, (Fanon, 2008) afirma que o homem negro, ao ser racializado, perde a possibilidade de ser visto como um indivíduo pleno, sendo constantemente reduzido a sua cor e à suposta inferioridade que dela deriva. Assim, (Fanon, 2008) ainda completa que a mentalidade negra é construída em oposição ao ideal de masculinidade branca, o que leva à sua marginalização e ao surgimento de múltiplas vulnerabilidades.

Partindo do meu pré-projeto, cujo ponto de partida foi a observação das figuras dos Oborós⁴ especialmente a de Ossain⁵, as primeiras leituras teóricas apontam para a necessidade de compreender as masculinidades a partir das especificidades de cada nação. A nação Angola, com seus inquices, e a Ijexá, com seu panteão de orixás, possuem sistemas simbólicos e cosmologias distintas, atravessadas por valores como o cuidado, a ancestralidade e o poder espiritual. Estas diferenças são pouco exploradas na literatura sobre masculinidades negras no Brasil, majoritariamente centrada na nação Ketu.

O objetivo do trabalho é compreender como esses sistemas ritualísticos e simbólicos contribuem para a (re)construção de uma masculinidade que desafia os modelos ocidentais de virilidade, que associam o masculino à agressividade, dominação e distanciamento emocional. Em contrapartida, os terreiros estudados parecem operar com outras categorias: cuidado, circularidade, escuta, interdependência e reverência ao sagrado, como observa (Póvoas, 2007) ao falar dos fazeres religiosos do povo negro.

As ideias de (Amim, 2009; 2015) são fundamentais nesse percurso, pois apresentam o candomblé como espaço de produção de identidades e resistências no sul da Bahia. A autora mapeia a presença e reinvenção das tradições afro-brasileiras em contextos urbanos periféricos. Essa contribuição é central para compreender que os terreiros não apenas reproduzem tradições africanas, mas os ressignificam em resposta às violências históricas e sociais.

⁴ No contexto do candomblé, “Oboró” é um termo iorubano utilizado para se referir a divindades masculinas específicas dentro do panteão dos orixás, marcando identidades e atributos ligados ao gênero masculino nas tradições iorubanas e seus desdobramentos na diáspora.

⁵ Ossain, orixá associado ao axé das folhas e ao domínio das ervas medicinais e litúrgicas, é considerado um Oboró e o cuidado, ao conhecimento e à cura

Complementam esta abordagem os autores (Mbembe, 2018), (Nascimento, 2020) e (Geertz, 1978), cuja perspectiva da interpretação cultural permite pensar os terreiros como espaços de reconfiguração subjetiva e resistência à necropolítica. A inserção das tradições Congo-Bantu e Iorubanas na formação das identidades locais permite uma abordagem afrocentrada da construção da masculinidade negra enquanto campo de força simbólica.

A pesquisa está ancorada na perspectiva da Análise do Discurso e na etnografia, com influências de (Laplantine, 2004) e da etnografia multissituada. Para tanto, serão utilizados diários de campo, entrevistas semiestruturadas e observação participante em terreiros de Ilhéus, especialmente os mapeados por Aminn.

A metodologia prevê a utilização de diários de campo, entrevistas semiestruturadas e observação participante em dois terreiros situados em Ilhéus. O Matamba Tombenci Neto, de nação Angola, localizado no bairro Conquista e liderado desde 1973 por Mãe Ilza Rodrigues Pereira dos Santos, a Mameto Mucalê. E o Ilê Axé Odé Omopondá Aladê Ijexá, de nação Ijexá, situado no bairro Banco da Vitória, sob liderança de Iyá Darabi, yalorixá, atriz e ativista cultural conhecida no mundo civil como Alba Cristina. Ambos os espaços possuem significativas trajetórias no campo religioso e sociocultural da cidade e constituem territórios simbólicos centrais à proposta desta pesquisa.

Os desafios metodológicos incluem o cuidado com a relação com os terreiros, compreendidos como territórios de saber e não como objetos de estudo. Nesse sentido, sigo a proposta de epistemologias contra-coloniais e decoloniais que reconhecem a potência dos saberes locais. A reflexão parte da própria condição do pesquisador, posicionado como sujeito atravessado pelas temáticas em estudo.

Não há ainda data exata para o início do trabalho de campo, uma vez que a pesquisa passará pela apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP). A expectativa é que essa etapa se inicie no primeiro semestre de 2026. Como próximos passos, planejo iniciar as visitas de campo a partir da liberação ética, com o objetivo de estabelecer contatos preliminares e realizar observações iniciais. Estas atividades serão essenciais para ajustar o projeto de pesquisa e definir os rumos da investigação etnográfica que se desenvolverá ao longo do mestrado.

Ao situar as masculinidades negras em contextos religiosos afro-brasileiros, esta pesquisa busca contribuir para os estudos de gênero e linguagem, oferecendo uma leitura que

parte da escuta dos saberes tradicionais, mas os relê a partir das teorizações contemporâneas. Como reflexão final, cabe lembrar que não se trata apenas de estudar sujeitos negros em contextos religiosos, mas de reconhecer nos terreiros possibilidades de reorganização ontológica dos sentidos do ser homem negro.

REFERÊNCIAS

AMIM, Valéria. **Águas de Angola em Ilhéus**: um estudo sobre construções identitárias no candomblé do sul da Bahia. Salvador: UFBA/FACOM, 2009.

AMIM, Valéria. **A Tradição Ijexá no Sul da Bahia**. In: SARAIVA, Clara; BASSI, Francesca; DIAS, João Ferreira (Coord.). *Dinâmicas de Identificação e Transformação nas Religiões de Matrizes Africanas (no Espaço Lusófono)*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, 2015. p. 89.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Editora Civilização Brasileira, 2008.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

LAPLANTINE, François. **A descrição etnográfica**. São Paulo: Terceira Margem, 2004.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MUNANGA, Kabengele. **Uma introdução ao estudo da questão racial**. Editora Ática, 2009.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro**. São Paulo: Perspectiva, 2020.

OLIVEIRA, Valnizia de. **Resistência e fé**: fragmentos da vida de Valnizia de Aiyará. São Paulo: All Print Editora, 2009.

PÓVOAS, Ruy do Carmo. **Da porteira para fora**: mundo de preto em terra de branco. Ilhéus: Editus, 2007.